

A ORATÓRIA POPULAR NA IMPRENSA ANARQUISTA BRASILEIRA*

Carlos Piovezani

Universidade Federal de São Carlos; CNPq, Brasil

Introdução

No dia 9 de junho de 1917, era publicada a primeira edição do jornal *A Plebe*. Tratava-se de um veículo da imprensa operária, particularmente filiado à linha ideológica anarquista-sindicalista. O periódico se inscreve em uma série que poderia remontar a outros de distintas tendências igualitárias do final do século XIX, tais como *A Metralha*, *O Socialista* e *A União operária*, entre muitos outros¹. Edgard Leuenroth, seu editor, ao declarar que *A Plebe* sucedia o jornal, *A Lanterna*, afirmava o seguinte no texto intitulado “Ao que vimos. Rumo à Revolução social”, que abria aquela sua primeira edição:

É a própria *A Lanterna* que, atendendo às excepcionais exigências do momento gravíssimo, com nova feição hoje ressurge para desenvolver sua luta emancipadora em uma esfera de atuação mais vasta, de mais amplos horizontes, com um integral programa de desassombado combate a todos os elementos de opressão que sujeitam o povo deste país, como o de toda a terra, à odiosa sociedade vigente, alicerçada por toda sorte de misérias e de violências.

Urge a ação em todas as suas manifestações, consciente, decidida, vigorosa.

Como é bem de ver, nessa obra titânica cabe lugar de destaque à imprensa avançada, a quem está confiada a missão delicada de orientar o povo, hoje à mercê da perseverante ação danosamente mistificadora dos jornais ao soldo dos dominadores da época. [...]

* Este texto apresenta alguns resultados da pesquisa “A voz do povo: uma análise de discursos sobre a fala pública popular” (CNPq Processo 308559/2017-7).

¹ Sobre a imprensa operária no Brasil, ver Ferreira (1978), Pereira (1990) e Sargentini (2001).

Para essa meta grandiosa, ardentemente almejada, caminhamos a passos agigantados, como nos indicam os formidáveis acontecimentos que estão se desenrolando numa sequência deslumbradora, desde as lusitanas plagas até as estepes geladas da longínqua Rússia. [...]

Vem este jornal ser um eco permanente das lamentações, dos protestos e do conclamar ameaçador dessa plebe imensa que desde os seringais da Amazônia aos pampas sulinos, em terra, no mar, nas escuras galerias do subsolo, nos ergástulos industriais ou nos ínvios sertões vive sempiternamente a mourejar, em condições de escravos modernos, para manter na opulência os ladrões legais que aqui, em má hora, viram a luz do dia, ou, como aves de rapina, aportaram de outras paragens. [...]

Urge, portanto, prosseguir na obra dos abnegados de outrora para que, quando além das fronteiras convencionais ruir fragorosamente o arcabouço apodrecido do regime social dominante, também o povo desta terra, no arrebol de um novo e sublime 13 de Maio, conquiste a sua alforria derradeira, fazendo com que o Brasil, passando a pertencer a todos os seus habitantes, a todos proporcione a vida folgada e feliz que a exuberância trabalhada de suas riquezas naturais permite.

É com esse objetivo que vem lutar *A Plebe*.

A Europa estava em guerra e em ebulição política. Em março daquele mesmo ano, a Rússia havia deposto seu czar e dava início ao processo que conduziria à Revolução de Outubro. O espectro que já rondava a Europa desde o século anterior aportara no Brasil e dava esperanças a diferentes frentes de esquerda. Desse quadro deriva o programa de *A Plebe*, tal como é ele abertamente anunciado: “combate a todos os elementos de opressão que sujeitam o povo deste país”. Em sua realização, os papéis a serem desempenhados pelos atores sociais estão bem definidos e repetem um esquema já há muito consolidado: seguindo um pressuposto que naturaliza hierarquias e diferenças, à imprensa popular e “avançada”, na esteira das “mentes privilegiadas dos mártires da independência, dos heróis da abolição e da cruzada republicana” e ainda da “obra dos abnegados de outrora”, “cabe lugar de destaque”. Tal imprensa se destaca dos “jornais ao soldo dos dominadores da época” e sua “missão delicada” é a de “orientar o povo” e ainda de lhe dar voz, na medida em que *A Plebe* se apre-

senta como “eco permanente das lamentações, dos protestos e do conclamar ameaçador dessa plebe imensa que vive sempiternamente a mourejar, em condições de escravos modernos”. O programa é necessário, mas o retrato que ali se faz do povo e das funções que lhe são atribuídas não são exatamente positivos. Além de oprimido, o povo está desorientado, sem voz e à mercê da manipulação dos dominantes.

Seria algo distinto o que então era afirmado pela imprensa anarquista a respeito das competências da fala pública popular e da escuta popular da fala pública? Quais eram, afinal, os discursos sobre a oratória popular e sobre a capacidade de interpretação das classes populares materializados nesse importante veículo da imprensa alternativa brasileira? Haveria neles a reiteração dos preconceitos contra as práticas populares de linguagem que se encontram nas ideologias conservadoras ou, antes, a concessão quase inédita de espaço e legitimidade na história brasileira à voz e à escuta do povo? Eis algumas das questões fundamentais a que nos propomos responder aqui². Para tanto, empreenderemos uma análise discursiva de uma série de enunciados extraídos das quatro primeiras edições de *A Plebe*, publicadas num momento particularmente importante da efervescência operária no Brasil.

A Plebe: em defesa do povo pobre e na luta contra a burguesia

Caso houvesse ainda alguma dúvida sobre o objetivo igualitário de *A Plebe* de libertar as classes trabalhadoras e outros miseráveis de explorações e exclusões de diversas sortes, bastaria uma rápida leitura de outro texto também publicado naquele mesmo dia 9 de junho de 1917 para que ela fosse dissipada. Seu título “O pobre é um vadio?” produz, imediatamente, o efeito de uma indignação de seu autor, Benjamin Mota, ante as afirmações que materializavam um discurso preconceituoso, feitas em um órgão da imprensa da época: “O *Correio Paulistano* está publicando diariamente, logo abaixo de um aviso da Liga de Defesa Nacional, um interessantíssimo conselho, epigrafoado: *O futuro de S. Paulo*. Produzir, produzir, deve ser a divisa dos paulistas, diz o conselho”.

² Tal como fizemos em publicações anteriores: Courtine & Piovezani (2015) e Piovezani (2016, 2017a, 2017b).

A indignação de seu enunciador deriva de sua ideologia progressista, a partir da qual concebe as relações sociais no sistema de produção capitalista. Mas, dada a força de dizeres hegemônicos, ela não impede que a crítica materialista carregue ecos da desqualificação de quem pretende defender: “De que serve ao nosso caipira o seu esforço em derubar as matas ou capoeiras e plantar roças de milho e feijão, se ele, analfabeto e ignorante, vê-se forçado a vender por vil preço a sua mercadoria”. A referência à condição de “analfabeto e ignorante” não torna inviáveis o reconhecimento da inteligência do povo pobre na sequência de sua análise e a condenação da repisada formulação do veículo conservador da imprensa paulista:

O conselho do *Correio Paulistano* seria belo numa sociedade comunista livre, mas não na egoística sociedade burguesa em que vivemos.

No que não concordamos absolutamente com o *Correio Paulistano* é na afirmativa final do conselho:

“Em São Paulo, só não ganha dinheiro quem não trabalha, só é pobre quem é vadio”.

Oh! Aberração da vista e da inteligência!

Só é pobre quem é vadio?

Pobre não são, como finge ignorar o *Correio*, somente os mendigos que esmolam pelas ruas. Pobres são todos os trabalhadores rurais explorados pelos patrões que lhes pagam apenas o necessário para não morrerem de fome. Pobres são todos aqueles que, numa sociedade que repousa sobre o direito inviolável e sagrado da propriedade, veem-se obrigados a alugar, por vil preço, a força dos músculos ou da sua inteligência, em proveito da burguesia capitalista e parasita, que vive à custa do suor e dos esforços alheios.

Só é pobre quem é vadio?!

Mas então o operário que labuta doze ou quatorze horas por dia, para ganhar 3\$000 ou 4\$000 e que no fim do mês não tem o suficiente para o aluguel do tugúrio em que habita e para pagar o vendeiro e o padeiro, é um vadio?

Juntamente com a energia do corpo dos trabalhadores, “a força dos músculos”, Mota reconhece a capacidade de seu espírito, “sua inteligência”, e denuncia a exploração de ambos. Contudo, esta é a única ocorrência de uma alusão à competência cognitiva da plebe. Sua raridade e

discrição contrastam com a frequência e o alarde das justas e necessárias denúncias da exploração do corpo. Além de outras, eis aqui mais uma dessas referências aos abusos burgueses sobre a anatomia proletária: “Não fosse o esforço dos seus músculos explorado pelo burguês industrial ou fazendeiro, que fica riquíssimo e mora em palácios, passeia de automóvel e gasta com as cortesãs, e o operário, sem ser rico, teria o suficiente para viver folgadoamente. Mas, o patrão o explora e ele é e há de ser eternamente um pobre, um pária social”. Nessas passagens, o ataque simultâneo às gentes do povo mediante a associação entre sua penúria econômica e sua miséria moral, tal como fora feito pelo *Correio Paulistano*, repetindo um antigo e insidioso artil, é desconstruído, por meio de uma inversão que sustenta a imoralidade está na exploração burguesa e em seus usufrutos. Para proceder a essa inversão, o enunciador acrescenta à imoralidade ostentada em “mora em palácios” e “passeia de automóvel” a imoralidade a ser ocultada da vista pública: “gasta com cortesãs”.

Os pobres são, portanto, redimidos. Possuem retidão moral e, apesar de serem analfabetos e ignorantes, são dotados de inteligência. Mas, a marca mais constante de sua condição é ainda a energia de seu corpo, porque a voz do povo parece não encontrar em *A Plebe* um espaço de livre e direta expressão. Uma de suas seções poderia nos dar a impressão de fazê-lo. Seu título é “Comentários de um plebeu”. Sua redação não é, porém, de responsabilidade de sujeitos populares e sem maiores instruções, mas de um advogado. Aliás, além de seu nome figurar ao final da coluna, consta também em um dos anúncios comerciais do jornal. Nesse anúncio, o nome de Roberto Feijó é precedido por um título, “Dr.”. Já na segunda publicação da coluna “Gazetilha de Satan”, na edição de *A Plebe* publicada no dia 16 de junho de 1917, pela qual Roberto Feijó era o responsável, o autor tratou de outro e mais célebre advogado, se valendo de certo expediente de redação e abordando uma das razões da celebridade de Rui Barbosa: os excessos de sua eloquência.

Para tratar de Rui Barbosa, sem maiores ônus, Roberto Feijó atribui o que ali se afirma a outrem. O leitor estaria diante da reprodução de uma carta de um seu amigo endereçada a uma terceira pessoa, um redator de uma revista do exterior: “Um amigo confiou-me o que segue, cópia de uma carta enviado para o estrangeiro”. A partir desse ponto, se

abrem as aspas que só se fecharão ao final da seção. Se trataria de uma resposta do amigo de Feijó à pergunta que lhe teria sido feita pelo agora destinatário da referida carta sobre o perfil de Rui Barbosa. O remetente parece ter mudado de opinião, porque na carta seu enunciador diz que apenas aceitou responder àquela questão, formulando um texto sobre Rui Barbosa, porque sua publicação seria feita somente na Rússia e em russo. No Brasil, ele nada ousaria dizer sobre o conhecido político brasileiro, que seria, segundo ele, uma unanimidade: “Se não fosse esta feliz circunstância do idioma, a minha recusa ao seu pedido seria formal e irrevogável. Por quê? Porque o senhor Dr. Rui Barbosa é pessoa que aqui ninguém mais discute e sobre a qual não, em todo o país, duas opiniões divergentes. Discuti-lo e na discussão pôr em dúvida a sua grandeza é heroicidade demasiada para um cidadão desta república”.

Adiante, descobrimos que o redator estrangeiro perguntara especificamente sobre as razões pelas quais Rui Barbosa era tão popular na política brasileira. O início efetivo da resposta é enfático: “O senhor Rui Barbosa, entre todos os políticos brasileiros, é talvez o menos hábil e o mais nocivo dos políticos”. Se há certa modalização na ênfase, na medida em que em sua formulação há esse “talvez”, o restante da resposta não pretende relativizar sua posição nem deixar dúvidas sobre a real celebridade de Rui Barbosa e sobre sua péssima condição de político e de gestor público. Feito isso, o enunciador formula a seguinte questão: “Não provindo da sua atuação como político a popularidade do Sr. Barbosa, de onde poderá ela provir?” À qual assim responde:

Essa popularidade, benévolo amigo, provem muito simplesmente e muito naturalmente desta coisa única e simples: a sua tagarelice. Sim, a sua tagarelice. O Sr. Rui Barbosa é, entre todos os políticos deste país, aquele que maiores discursos faz. E esta é precisamente a virtude primacial de sua Exa. [...]

Não é tanto pela essência de suas peças oratórias, mas sobretudo pelo tamanho e continuidade delas que se gerou e conserva a popularidade do Sr. Rui Barbosa. Até hoje, desde que fala e escreve, nunca produziu, que eu saiba, uma ideia original, nem concebeu reforma útil, nem proclamou um alto princípio de justiça. É, enfim, como pensamento e ação, um homem como tantos outros, como tantos outros, mediano de gênio e inspiração, mas mais que outros – oh, muito mais! – vaidoso. [...]

A vaidade conduziu o Sr. Rui Barbosa à tagarelice, a tagarelice ao discurso de quatro horas, o discurso aos elogios da imprensa, e esta de novo à tagarelice.

Discursos sobre a fala pública popular e sobre a escuta popular da fala pública

O exame destas primeiras edições de *A Plebe* se deve menos a algum interesse em depreender as censuras feitas por seus redatores à eloquência burguesa do que ao nosso intuito de ali identificar discursos sobre a oratória popular. Evidentemente, as atribuições de predicados à primeira e os silêncios sobre a segunda também produzem sentidos a respeito desta última. Porém, buscamos passagens em que de modo mais ou menos direto a fala pública popular fosse objeto de atenção por parte de um veículo da imprensa libertária que se propunha a defender as causas dos marginalizados. Nessa direção, o contexto histórico era uma vez mais particularmente próspero. Desde sua primeira edição, *A Plebe* reservará espaço para uma seção, inicialmente, intitulada “Ação obreira”, que, na edição seguinte, passará a ser nomeada de “Mundo operário. Ação Obreira” e que, a partir de seu terceiro número, será chamada simplesmente de “Mundo operário”. Estavam ali concentradas as notícias e opiniões sobre os movimentos embrionários da greve geral que ocorreria naquele ano em São Paulo³. Ainda naquela edição de 9 de junho, podemos ler o seguinte:

Ação Obreira

O operariado de São Paulo parece despertar para a luta

Movimentos grevistas – Associações que surgem

Se não chegou a conseguir libertar as crianças da escravidão, dos ergástulos do trabalho, porque isso só era feito pela ação direta dos trabalhadores rebelados contra esse hediondo crime da burguesia rapace, serviu, entretanto, a vivaz campanha recentemente realizada pelos libertários para determinar uma certa predisposição no sentido da atividade no seio da classe obreira desta capital.

A propaganda feita em numerosos comícios e em boletins não deixou de produzir o seu efeito, fazendo com que os trabalhado-

³ Para mais informações sobre a greve geral de 1917, ver Khoury (1981), Lopreato (2000) e Giannotti (2007).

res, sujeitos agora, como nunca, a uma situação verdadeiramente intolerável, devido à ação aladroadada dos patrões, insaciáveis sanguessugas sociais, se comece a sentir a necessidade de agir contra os bandidos que, ao abrigo da lei, vivem a roubar o produto de seu trabalho insano.

Alguns movimentos grevistas já se manifestaram, ao mesmo tempo que se vai tratando de constituir associações de resistência e de acentuada luta social.

Dando execução ao seu programa, o Comitê Popular de Agitação Contra a Exploração dos Menores Operários tem promovido reuniões em vários bairros com o fim de organizar as ligas operárias que, dentro em breve, reconstituirão a União Geral dos Trabalhadores.

Os trabalhos nesse sentido prosseguem e é de se esperar que, no mais breve tempo possível, o proletariado de S. Paulo possa dispor de uma potente organização de luta para fazer frente com vantagem aos miseráveis que, pavoneando-se estupidamente com títulos e comendas comprados a peso de ouro, vão acumulando fortunas colossais às custas de indefesas crianças, de pobres mulheres, da velhice alquebrada e de uma multidão de homens a quem a miséria contínua do seu triste viver amorteceu a noção da dignidade e da altivez.

Oxalá, pois, que o movimento promissor, agora em início, ganhe o devido vulto tão rapidamente quanto a gravíssima situação o exige.

Somos informados da exploração do trabalho infantil, da quase infrutífera ação, se não para eliminá-la, ao menos para atenuá-la, da campanha empreendida para fazê-lo e da existência de programas de propaganda e de organização trabalhista. Tais programas compreendem “numerosos comícios” e “boletins”. O tom é o da denúncia indignada, mas é ainda mais o da esperança com o movimento operário, que cada vez mais estaria se coordenando e se rebelando. É essa expectativa que predomina nas notas a respeito dos eventos que estavam, então, ocorrendo em várias regiões da cidade e de seus arredores. Como veremos imediatamente abaixo, em tais notas, há várias referências à propaganda, às reuniões e aos comícios das associações organizadas do proletariado:

Liga Operária da Mooca

Das agremiações obreiras que estão surgindo esta é a que mais rápido desenvolvimento tem tomado, contribuindo, naturalmente, para isso os dois movimentos que os tecelões venceram

em fábricas situadas naquele bairro.

Numerosas reuniões foram realizadas durante e após a greve da fábrica de tecidos Rodolpho Crespi, sendo elas aproveitadas para a propaganda feita por camaradas nossos.

A Liga Operária da Mooca, contando com um bom número de associados, está instalando a sua sede à rua da Mooca, 190, devendo ela ser inaugurada com uma festiva reunião de propaganda no próximo sábado.

Liga Operária do Belenzinho

Em uma reunião bastante concorrida, ficou constituída, no meio do mês passado, esta Liga, que está tratando de montar a sua sede no bairro, onde instalará uma sala de leitura e realizará sessões de propaganda social.

No Cambuci e na Lapa

Além do comício realizado na praça pública, celebrou-se num salão do bairro Cambuci uma reunião a fim de serem lançadas as bases do acordo aprovadas anteriormente e já publicadas.

Na Lapa deve ser realizada uma reunião amanhã à noite, esperando-se que ela seja muito concorrida, pois numeroso é o operariado naquele recanto industrial da cidade.

Em S. Caetano

Neste subúrbio da Inglesa foi constituída uma sociedade de trabalhadores metalúrgicos, que já tem realizado algumas reuniões de propaganda.

Podemos observar que o enunciador reitera e destaca a grande frequência com que ocorriam as reuniões das ligas operárias e de associações proletárias afins, assim como repete e ressalta a considerável afluência de membros nessas ocasiões: “Numerosas reuniões foram realizadas”, “contando com um bom número de associados”, “Em uma reunião bastante concorrida”, “esperando-se que ela seja muito concorrida, pois numeroso é o operariado”. O léxico é aí decisivo, mas também a orientação argumentativa conduz ao efeito de sucesso dos eventos: se as reuniões anteriores foram numerosas e bem-sucedidas e se o movimento de organização e de adesão à organização operária é crescente, os próximos eventos necessariamente serão exitosos. Deve menos nos interessar a condição real, imaginária e/ou simulada desse sucesso do que a com-

preensão de fatores da história que impõem ao sujeito a necessidade de sua reiteração e de seu destaque: os movimentos sociais, em particular, os marginalizados e minoritários afastam os déficits e estigmas que lhes foram imputados, para reforçar as convicções de seus membros e simpatizantes, para arregimentar novos partidários e para enfraquecer indiferenças e objeções dos que não lhes são afeiçoados.

É também para essa direção que conduzem os sentidos das duas notas seguintes da seção, “Movimento de Canteiros. Várias pedreiras estão paradas” e “As greves dos tecelões. Patrões que se submetem”. Nelas são noticiadas conquistas já obtidas pelos movimentos grevistas e pela organização operária. Assim, se afirma a força de um movimento que, embora já consideravelmente organizado, ainda não estava completamente consolidado, já obtivera expressivos resultados em suas lutas. Do fragmento se depreende ainda o emprego de dois recursos para a produção da ideia de efervescência política: a ocorrência simultânea de vários acontecimentos, como vemos em “Além do comício realizado na praça pública, celebrou-se num salão do bairro Cambuci uma reunião”; e o ambiente eufórico que os constituía, tal como em “uma festiva reunião de propaganda”. Não se trata aqui de pôr em xeque ou de atestar a realidade desse clima de ebulição e das conquistas anunciadas, mas de entender as condições históricas que condicionam o que pode e deve ser dito pelos sujeitos de uma sociedade, as maneiras pelas quais esses dizeres podem e devem ser formulados e as esferas sociais e os meios pelos quais as coisas ditas podem e devem emergir e circular.

Verificamos ainda ali o efeito de um discreto anúncio: “sua sede no bairro, onde instalará uma sala de leitura e realizará sessões de propaganda social”. Tanto ou mais do que o aviso sobre a sede vale a declaração do que se fará em suas dependências: leitura e propaganda social. A indignação ou a ênfase de outros textos cede aqui a certo tom anódino, mas, nem por isso, torna o recado dado menos importante. Observamos que o enunciador responde pelo que diz e por sua maneira de dizer ao estigma do iletrismo atribuído aos sujeitos das classes trabalhadoras. Onde o pensamento conservador tende a só ver a violência e a rudeza do corpo e da voz do operário, se afirma sua capacidade no trato com a língua e, ainda mais, em sua modalidade escrita. Afirmá-lo de modo discreto, sob a forma de um anúncio, também concorre para afastar os

traços de agressividade frequentemente imputados aos trabalhadores e da radicalidade não raras vezes infligida aos militantes.

Diferentemente, portanto, da posição antagonista, em *A Peble* se assevera a existência de práticas de leitura e de escrita, de fala e de escuta entre os operários e os militantes. No interior de tais práticas, a propaganda possui um espaço privilegiado, porque é considerada fundamental para a formação de consciência crítica da massa trabalhadora. Não se trata de difundir quaisquer ideias e valores, mas de fazer uma “propaganda social”, ou seja, de disseminar as denúncias da exploração capitalista do trabalho e incutir a necessidade da emancipação do proletariado. Mas a especificidade que mais nos interessa aqui destacar é a que consiste no fato de que nas circunstâncias de fala e de escuta públicas de que participam os trabalhadores, a propaganda ali seria “feita por camaradas nossos”. Importa ao enunciador dizer que a condição de orador era ocupada por sujeitos que nutriam relações mais ou menos horizontais e contíguas entre si e que se dispunham em níveis equivalentes, em que pese a conservação de hierarquias e distintos postos nos quadros das organizações operárias.

Embora não tenhamos empreendido uma minuciosa e exaustiva análise nesta direção, identificamos o que parece corresponder a uma diferença de estilo entre as curtas notas publicadas na seção “Ação obreira” e os textos editoriais e de opinião de outras seções do jornal: nas primeiras, mesmo que haja sequências como “esse hediondo crime da burguesia rapace” e “ação aladroadada dos patrões, insaciáveis sanguesugas sociais”, o que ocorre com maior frequência são passagens menos enfáticas, em que predominam aquilo que poderia ser concebido como uma linguagem mais simples, clara e referencial. Já nos últimos, encontramos com assiduidade bem maior enunciados bastante enfáticos, nos quais se reconhecem formulações que se pretendem mais bem elaboradas do ponto de vista do que seria a correção e a elegância da linguagem e dos expedientes retóricos empregados. Essa diversidade de estilos parece ser tributária de uma dupla finalidade: se dirigir ao povo trabalhador e afastar a pecha do iletrismo e da rudeza. Noutros termos: mesmo nessa imprensa progressista ocorre a repetição de certo imaginário desfavorável aos operários.

Nos textos editoriais de *A Plebe*, funciona frequentemente certo procedimento que identifica uma evidência forjada pelas práticas capitalistas, a fim de produzir sua denúncia, vislumbrando a sua desconstrução. Guardadas algumas particularidades de cada caso, é o que vimos acontecer com as seguintes evidências burguesas: “o pobre o é porque quer, porque é vadio”, que é refutada por meio da afirmação dos exaustivos trabalhos feitos pela classe operária e revertida na imputação da imoralidade aos exploradores proprietários do capital; “o proletário é rude e iletrado”, que é contestada, com menos constância, mediante a referência às suas práticas de leitura e de escrita, de fala e de escuta; “a eloquência dos doutores é admirável”, que é contradita por meio do que se diz a propósito de seu mais eminente representante, Rui Barbosa, quando se indica que a suposta virtude oratória corresponde, de fato, ao vício da tagarelice. Nessa última ocorrência, o enunciador promove essa inversão, ao apontar que a popularidade e os excessos da oratória esnobe e vaidosa daquela célebre personagem da cena pública brasileira escamoteavam sua falta de competência política. Retornemos à primeira edição de *A Plebe*, para examinarmos outro texto em que se opõem as práticas de fala e as posturas burguesas, de um lado, e as militantes, de outro:

Por ocasião da série de sermões realizados na matriz do Braz, pelo revmo. San Detole, tive o ensejo de assistir a uma palestra entre ele e alguns camaradas que, em comissão, foram convidá-lo para uma controvérsia.

O ilustre prelado, depois de justificar a sua negativa, entreteve-se em fazer alarde da sua alta posição social, de privilegiado, de príncipe eclesiástico, comparando-a com a humilde condição dos propagandistas dos partidos avançados.

Discorria, com ênfase e sensualidade, detalhando a sua opulenta vida de apóstolo do Cristianismo, esquecendo-se da humildade de origem dessa seita, que, segundo a mitologia, teve por chefe um plebeu, um boêmio, que passou a vida entre os maltrapilhos. “Na Itália – dizia o discípulo de Loyola – enquanto os delegados das câmaras de trabalho e dos grupos subversivos que viajavam nas estradas de ferro ocupavam os carros da 3ª. classe, eu e minha comitiva ocupávamos os da 1ª. Enquanto eles se instalavam em hospedarias da escória social, nós éramos conduzidos em auto-

móvel aos hotéis de luxo.” “Como veem, acrescentava, passando a mão alva sobre o rosto efeminado, apesar da minha idade madura, ainda conservo o vigor da juventude...” [...]

Os privilegiados, os que desempenham funções políticas ou religiosas elevadas e bem remuneradas, podem, por um momento, julgar-se superiores, grandes, colocados nos cumes das montanhas, no pináculo da glória, mas estudando, analisando bem a sua situação chega-se à conclusão de que ainda não saíram do vale, que a sua personalidade é supinamente mesquinha.

Para eles não existem garantias constitucionais, não vigoram as liberdades de reunião, de imprensa e de palavra. Ainda não conquistaram o direito de opinião.

Na tribuna, na escola, na imprensa, etc. dizem o que não querem dizer, ensinar o que lhes repugna ensinar, escrevem o contrário do que pensam.

Nós disputamos palmo a palmo as liberdades do povo. Da pena fazemos aríete de combate, pondo em evidência os crimes, as mentiras e o ridículo das instituições vigentes, assim como das suas doutrinas, dos seus princípios inócuos e funambulescos.

Na praça pública instalamos a tribuna popular, de onde lançamos, desassombadamente, sobre a horda parasitária e tirânica os nossos anátemas, fulminando-a com nossa crítica despiada e com os potentes raios de nossas ideias.

O texto se intitula “Pigmeus e gigantes” e seu autor é Primitivo Soares. A partir do que teria sido uma experiência vivida, visto que Soares declara ter assistido à “palestra” entre o revmo. San Detole e alguns de seus camaradas, ele passa a comentar na sequência de seu texto a cena que havia testemunhado. Desde a exposição do contraste entre o convite feito pelos últimos ao primeiro e a recusa do religioso, o enunciador instaura várias oposições que atravessam praticamente toda extensão de seu artigo: de um lado, estão um único indivíduo, o “revmo. San Detole”, suas declarações e seu perfil; de outro, uma coletividade “em comissão”, os “camaradas”, que são “propagandistas dos partidos avançados”. No que respeita ao que teria sido dito e aos modos de dizer dos “camaradas”, com exceção do próprio convite, retratado sob a forma de um distante discurso indireto, é preciso reconhecer que não lhes é dedicada uma única palavra de forma manifesta e específica. Os propagandistas, seres falantes por excelência, ali praticamente não saem do silêncio.

Por outro lado, se fala muito e detalhadamente do que diz e das maneiras de dizer do “ilustre prelado”. Trata-se de um falastrão, pois, além de já ter feito uma “série de sermões” e de “justificar a sua negativa” ao convite que lhe fora feito, ele faz “alarde da sua alta posição social” e a compara com a “humilde condição dos propagandistas”. O sacerdote peca por atos e omissões, por falta e excessos. Fala de modo exagerado, lascivo e minucioso daquilo que não apenas deveria ser calado, mas que, antes, não deveria nem sequer ser cogitado: “Discorria, com ênfase e sensualidade, detalhando a sua opulenta vida de apóstolo do Cristianismo”. E silencia uma das virtudes maiores de sua doutrina, a condição popular de seu líder e daqueles que ele frequentava: “esquecendo-se da humildade de origem dessa seita, que teve por chefe um plebeu, um boêmio, que passou a vida entre os maltrapilhos”. Ademais, a reprodução da fala de San Detole em discurso direto põe em sua própria boca seu apego à ostentação e à vaidade. Já no parágrafo seguinte de seu texto, Primitivo Soares parafraseia seu título: os que se tomam por “gigantes” não passam de “pigmeus”: “Os privilegiados podem, por um momento, julgar-se superiores, colocados nos cumes das montanhas, no pináculo da glória, mas estudando, analisando bem a sua situação chega-se à conclusão de que ainda não saíram do vale, que a sua personalidade é supinamente mesquinha”.

Tanto menores seriam “os que desempenham funções políticas ou religiosas elevadas e bem remuneradas” quanto menos tivessem conquistado “o direito de opinião”. No que respeita à expressão pública desses privilegiados, o enunciador lhes atribuiu um conhecimento consciente da verdade e a manifestação deliberada de seu avesso: “Na tribuna, na escola, na imprensa, etc. dizem o que não querem dizer, ensinam o que lhes repugna ensinar, escrevem o contrário do que pensam”. Os propósitos e procedimentos do jornalista libertário e de seu grupo em tudo se opõem aos dos supostos “gigantes”: “Nós disputamos palmo a palmo as liberdades do povo. Da pena fazemos aríete de combate, pondo em evidência os crimes, as mentiras e o ridículo das instituições vigentes, assim como das suas doutrinas, dos seus princípios inócuos e funambulescos”. A enunciação em primeira pessoa do plural se casa bem com a acirrada batalha pela emancipação popular, que tem na escrita e na publicação dos textos libertários um meio fundamental de denúncia das mentiras e perversões burguesas.

Porque, como diz o poeta, “A praça! A praça é do povo, como o céu é do condor”, Primitivo Soares anuncia, sempre sob a forma de uma coletividade, de um “nós”, o estabelecimento desse lugar de fala, declara o escopo das coisas ditas e descreve as propriedades de seu modo de dizer: “Na praça pública instalamos a tribuna popular, de onde lançamos, de sassombradamente, sobre a horda parasitária e tirânica os nossos anátemas, fulminando-a com nossa crítica despiedada e com os potentes raios de nossas ideias”. Naquele espaço que pertence ao povo, não se pode instalar uma tribuna qualquer, mas se deve estabelecer uma que seja efetivamente “popular”; nela, não se trata de dizer algo, mas de execrar abertamente uma facção criminosa. A forma da expressão é enérgica (“anátemas”, “fulminando”, “crítica despiedada” e “potentes raios”), porque o inimigo é parasita e tirano, porque o enunciador conhece a verdade profunda do injusto mundo dos homens e ainda porque sua enunciação deve ser proporcional ao tamanho dos danos causados ao povo pelas explorações e opressões capitalistas.

Na segunda edição de *A Plebe*, além do texto de Roberto Feijó dedicado a denunciar a “tagarelice” de Rui Barbosa, há outros em que se trata da fala pública popular. Ao noticiar a realização de um comício, o enunciador apresenta a causa e a finalidade do evento, a entidade que o organizou e o dia, o horário e o local em que ele ocorreu. Menciona ainda seu sucesso de público e descreve certos aspectos da fala pública que ali se praticou. Fora uma mostra da solidariedade e da indignação de operários paulistas para com seus colegas cariocas, em decorrência de uma tragédia recentemente acontecida e que havia sido noticiada na edição anterior de *A Plebe*, com os seguintes títulos e lead: “Os crimes da burguesia”; “O horroroso desastre do Rio” e “Numerosos trabalhadores sacrificados em holocausto à ganância dos argentários”. Como de costume, em um texto atravessado pela explícita crítica social, esta sequência informa mais precisamente o leitor do que se havia passado: “Com o desabamento de um grande prédio em construção, ficaram soterradas algumas dezenas de operários, surpreendidos na insana labuta para o magro ganha pão”. Essa era razão por que se realizara o comício no Braz, descrito nos seguintes termos na edição daquele 16 de junho de 1917:

O horrível desastre do Rio

Comício de protesto no Braz

Querendo secundar aqui a manifestação de protesto do proletariado carioca contra a conduta criminosa da burguesia que, com a sua insaciável ganância, provoca os desastres horríveis, como o do Rio, a Liga Operária da Mooca promoveu um comício no domingo, realizando-se ele à noite, no largo da Concórdia, com numerosa concorrência.

Vários companheiros fizeram uso da palavra estigmatizando a ação infame dos argentários e concitando os trabalhadores à luta ativa e decidida contra os ladrões e tiranos do povo.

Ao fundamental apoio ao protesto dos operários do Estado vizinho e à necessária denúncia da postura burguesa “criminosa”, marcada por “sua insaciável ganância” e pelos “desastres horríveis” que ela produz, soma-se algo que pode parecer uma mera informação factual: “um comício no domingo, realizando-se ele à noite”. Há aí, no entanto, o anúncio de que é, sobretudo, no tempo de descanso que se constituem os sonhos do povo. Já na apresentação de seu livro intitulado *A noite dos proletários*, Jacques Rancière afirmava que “a transformação do mundo começa no momento em que os trabalhadores normais deveriam desfrutar do sono tranquilo daqueles que têm um trabalho que não os obriga a pensar”. Foi esse o ensejo para que Rancière constituísse uma “história dessas noites subtraídas à sequência de trabalho e descanso; interrupção imperceptível, aparentemente inofensiva, do curso natural das coisas, na qual se prepara, se sonha, se vive já o impossível: a suspensão da ancestral hierarquia que subordina os que se dedicam ao trabalho com as próprias mãos aos que foram contemplados com o privilégio do pensamento”. Nessas noites, as jornadas de trabalho se prolongam para que os operários ouçam “a palavra dos apóstolos ou a lição dos instrutores do povo”, para que, assim, possam “aprender, sonhar, discutir ou escrever”⁴.

Aqui novamente o enunciador ressalta a grande afluência de público no comício organizado pela Liga Operária da Mooca: “com numerosa concorrência”. Ora, já dissemos que as formas de um enunciado não podem ser ignoradas. Por isso, não podemos passar ao largo das refer-

⁴ Rancière (1988, p. 9-10).

ências ao dia e horário do comício, bem como do destaque dispensado ao número de seus frequentadores. Além disso, de tudo aquilo foi dito nessa curta nota “O horrível desastre do Rio” / “Comício de protesto no Braz”, o que mais nos desperta a atenção é seu último parágrafo, na medida em que é ali que se encontra uma referência direta à fala pública popular. São várias as marcas contidas nessa formulação às quais devemos dar relevo. Para fazê-lo, vamos nos valer da construção de algumas paráfrases, no intuito de indicar a especificidade das coisas ditas e de seus modos de dizer.

Começamos pelo sintagma “Vários companheiros”. O lugar ocupado por “Vários” poderia ter sido preenchido por “Poucos”, por “Alguns”, por “Nobres” etc., ao passo que “companheiros” poderia ser substituído por “senhores”, por “militantes”, por “correligionários” etc. Vejamos, em seguida, por que esse sujeito se agrega muito bem ao predicado da oração, “fizeram o uso da palavra”. Este último segmento poderia ter sido formulado dos seguintes modos: “discursaram”, “deram provas de sua eloquência” ou “embeveceram a massa com sua oratória”, entre outras possibilidades. A forma escolhida, em detrimento das tantas possíveis, produz o efeito de que ali os sujeitos e os ideais são igualitários, sóbrios e despojados. Naquele contexto, não são “poucos”, mas “vários” os que podem se expressar publicamente; eles não são nem superiores nem inferiores ao enunciador da nota de *A Plebe*, nem lhe são distantes, porque o acompanham de perto e no mesmo nível rumo à mesma direção política. Não fazem belas declarações, mas apenas “uso da palavra”, porque menos lhes interessariam o brilho da eloquência e a glória conquistada com um performático desempenho do que a simplicidade de sua intervenção decorrente da verdade da causa a serviço da qual combatem. A ação em nome dessa causa mobiliza duas frentes de atuação, uma que compreende o ataque ao inimigo e outra que corresponde ao agenciamento dos companheiros para combater o bom combate.

No comício de protesto no Braz, não haveria, portanto, alguns poucos, ilustres e eloquentes oradores que brindariam um auditório encantado com seu distinto talento oratório, porque tampouco haveria longos e solenes pronunciamentos, mas, como dissemos, somente o simples uso da palavra. Lá “vários companheiros” o fazem, tanto para denunciar “a ação infame dos argentários” quanto para concitar “os

trabalhadores à luta ativa e decidida contra os ladrões e tiranos do povo”. Não se trataria, então, de apenas conhecer a ação inimiga e de revelá-la, mas de escancarar suas perversidades, isto é, de apontar abertamente para as iniquidades que produz e das quais as elites tiram proveito. Além disso, não se estaria diante de uma ação qualquer, visto que ela é “infame”; assim como não é produzida por quaisquer uns, mas por “argentários”. O artigo definido que precede “ação” constrói um efeito de que a referida ação é algo real e bastante conhecido, enquanto o adjetivo “infame” e o adjunto “dos argentários” que seguem aquele substantivo produzem os sentidos de uma ação vil praticada por sujeitos gananciosos, a quem só o dinheiro interessa. Os argentários são retomados e parafraseados no próprio parágrafo por “os ladrões e tiranos do povo”; ou seja, além de visarem aos ganhos a qualquer custo, eles são perversos, porque roubam do povo aquilo que este último produziu e ainda o oprimem por repressão e astúcia. É por essa razão que os companheiros interpelavam seus congêneres trabalhadores a lutar contra esses usurpadores. Ao invés da alienação, a consciência da exploração sofrida; ao invés da inércia, a luta; e ao invés de uma luta sem maior empenho, uma que fosse “ativa e decidida”.

Já na referida seção “Mundo operário. Ação obreira”, encontramos notícias das greves e da organização sindical, nas quais ocorrem algumas rápidas e discretas alusões às falas públicas populares que se processaram durante aqueles episódios de mobilizações, reivindicações e revoltas trabalhistas.

Sucedem-se as greves

Solidariedade e Entusiasmo

Os tecelões na fábrica Rodolpho Crespi

Cerca de 400 operários da fábrica de tecidos Rodolpho Crespi, situada no bairro da Mooca, declararam-se em greve reclamando um pequeno aumento de salário e a abolição do trabalho noturno pelas turmas de operários que trabalham de dia.

Não contente o explorador Crespi com fazer os operários trabalhar umas 13 horas diárias, quando na Rússia os trabalhadores já conquistaram a jornada de 6, pretendeu acabar, de repente, com a vida dos que produzem para ele, obrigando-os a trabalhar também à noite, até as 23 ou 24 horas.

Os operários, como é natural, negaram-se a obedecer a estúpida e proterva ordem do burguês e abandonaram o trabalho.

Assistimos a algumas assembleias dos grevistas, podendo constatar que estão possuídos do maior entusiasmo e decididos a persistir na greve, provocada pelo patrão, até que este resolva aceitar as condições que exigem para voltar ao trabalho.

Os canteiros

Em S. Paulo, Ribeirão Pires, Cotia e Itaquera

Em todas essas localidades continua a greve generalizada dos canteiros, os quais, como já noticiamos, exigem aumento de salário, para poderem atender à sua manutenção, pois o que vinham ganhando era absolutamente insuficiente, e cada dia se tornava mais escasso ante o aumento constante dos preços dos gêneros de primeira necessidade.

Os proprietários das pedreiras, dentre os quais se destaca o sr. Ferrari, entenderam que os operários poderiam trabalhar sem comer, e, por isso, fazem contratos baratíssimos, contando de antemão com os fabulosos lucros que hão de tirar, obrigando os operários a trabalhar quase de graça, e impondo-lhes a compra de gêneros deteriorados a preços exorbitantes.

O operário que se nega a realizar suas compras no armazém do patrão é despedido do trabalho.

Por estes fatos deve-se avaliar as razões que obrigaram os operários a abandonar o trabalho.

No domingo, 10 do corrente, os grevistas de Ribeirão Pires realizaram um comício em comemoração do aniversário da fundação do Sindicato, tendo falado vários camaradas sobre as causas do movimento grevista, sobre a criminosa exploração patronal, encorajando os operários a continuar com tenacidade o movimento de reivindicação.

Outros companheiros falaram também sobre os diversos problemas operários e sociais, terminando o comício no meio do maior entusiasmo dos assistentes.

Liga Operária da Mooca

Esta associação vai em franca prosperidade, pois durante estes últimos dias recebeu a adesão de mais de 600 operários de ambos os sexos.

Este fato demonstra que a classe operária se preocupa das suas reivindicações e não espera senão de seus próprios esforços o seu direito à subsistência e à liberdade.

A sua sede acha-se instalada em um amplo local, à rua da Mooca, 292 B, onde sempre se encontram reunidos numerosos operários, que discutem com interesse e calor as questões operárias e sociais.

Na primeira dessas notas, o enunciador, em primeira pessoa do plural, declara ter assistido “a algumas assembleias dos grevistas” e constatado que estão eles “possuídos de maior entusiasmo e decididos a persistir na greve”. Trata-se, portanto, de um testemunho de algo visto em primeira mão e sem intermediários, o que tornaria não só a existência das assembleias mais real, mas também as próprias características de seus agentes, isto é, sua condição entusiasmada e resoluta, mais crível e autêntica. Caso fossem observados pelo prisma de posições ideológicas conservadoras, os membros dessas assembleias, ao invés de serem descritos como entusiasmados, decididos e persistentes, seriam qualificados de agitados ou mesmo irascíveis, recalcitrantes e teimosos, quando não, como manipuláveis e perigosos.

Já na segunda, o enunciador, um pouco mais distante do que enuncia, porque o faz em terceira pessoa, não afirma que testemunhou o evento que descreve, ainda que o sugira, se considerarmos certos aspectos de seu relato. Ele conhece e informa o leitor sobre o dia e o local precisos de sua realização e sobre o motivo de sua organização. No comício, uma vez mais, “vários camaradas” falaram. O que dissemos logo acima a propósito de “Vários companheiros” e “fizeram o uso da palavra” vale, praticamente sem retoque, para “tendo falado vários camaradas”. Também de modo quase idêntico ao que observamos no texto que descreve o comício de protesto no Braz, no trecho que ora analisamos as falas não são triviais; antes, possuiriam sempre questões cruciais à luta operária por alguma justiça social: “as causas do movimento grevista” e “a criminosa exploração patronal”. Ademais, visariam a objetivos não menos necessários: “encorajando os operários a continuar com tenacidade o movimento de reivindicação”. Enfim, a nota compreende ainda uma referência ao público do comício e a um seu certo sentimento. A despeito de uma dinâmica mais igualitária da assembleia dos grevistas de Ribeirão Pires, na medida em que não há nela uma definição prévia absoluta de seus oradores e que seus ouvintes são se reduzem a uma massa anônima, inerte e que só aplaude, há, ainda assim, uma divisão

entre os que tomam a palavra e os que a recebem: de um lado, se encontram os “companheiros” que “falaram sobre os diversos problemas operários e sociais”; de outro, está o “maior entusiasmo dos assistentes”.

Finalmente, na terceira nota, dedicada à Liga Operária da Mooca, se ressalta sua trajetória ascendente de êxitos quanto à adesão de um crescente e considerável número de filiações. Sua enunciação em terceira pessoa indica, ao mesmo tempo, i) um modo de corresponder ao padrão de escrita da imprensa, ii) um efeito de relativo distanciamento entre quem diz e a coisa dita e iii) certa credibilidade do que se diz. Assim, o enunciador menciona não apenas o que seria um grande número de operários aderentes à Liga, mas também sua pertença ao sexo masculino e ao feminino: “mais de 600 operários de ambos os sexos”. O fato de que os morfemas “o” e “s” já marcassem um masculino “neutro” plural de “operários”, visto que ele poderia já compreender mulheres operárias em seu conjunto, não foi suficiente ao enunciador para que ele pudesse instaurar, como julgara ser necessário, uma referência a estas últimas. Seu modo de fazê-lo é bem particular, porque se trata de optar por uma alusão mais marcada do que a forma que se limitaria ao neutro plural. Além disso, há ali ainda a reiteração do princípio anarquista segundo o qual deve ser o próprio povo oprimido o agente de sua emancipação: “a classe operária se preocupa das suas reivindicações e não espera senão de seus próprios esforços o seu direito à subsistência e à liberdade”.

Destacamos, por último, os dados, informações e qualificações contidos no último período dessa nota ora examinada. A sede não é um lugar qualquer nem se encontra em endereço desconhecido; seria, antes, “um amplo local”, localizado precisamente “à rua da Mooca, 292B”. Tampouco corresponderia a um espaço ocioso ou de quaisquer atividades, porque é, antes, “onde sempre se encontram reunidos numerosos operários”. A atividade é, portanto, constante, assim como é grande o fluxo de trabalhadores que o frequentam. Se o lugar é amplo e precisamente localizado e se sua frequência é contínua e numerosa, lá os operários não se reúnem para frivolidades, mas para discutir importantes “questões operárias e sociais”. Suas discussões são marcadas por índices do compromisso com as causas trabalhadoras, dado que se processam com “interesse” nas escutas e com “calor” nas falas que ali ocorrem. Contrasta com esse operariado assim engajado uma “massa imbecilizada”. Na mesma edição de *A Plebe*, se de-

screve uma cerimônia religiosa, na qual “a rançosa gente das sacristias” induzia a massa a cantar “Queremos Deus como nosso pai / Queremos Deus como nosso rei”. Enquanto aquela gente dava “uma demonstração de sua deplorável subserviência” exatamente em frente à redação de *A Plebe*, a equipe do jornal estendeu um “rubro pendão subversivo, desfraldado ao vento” para manifestar “o protesto da geração nova que trabalha para conduzir o povo à sua emancipação”. Como vemos, aqui não se fala em indução, mas em condução do povo; esta, por sua vez, não o levaria ao servilismo, mas à sua emancipação.

Publicada no sábado da semana seguinte, a terceira edição de *A Plebe*, novamente em sua seção “Mundo Operário”, trazia as notas sobre a organização operária e sobre os movimentos grevistas. Entre elas, as duas que reproduzimos logo abaixo compreendem alusões e comentários a propósito de falas públicas populares:

Liga Operária da Mooca

Inaugura-se a sua sede com uma entusiástica sessão de propaganda

Alguns camaradas e seus companheiros discursaram e, falando da questão social, demonstraram que a organização trabalhadora só corresponderá às necessidades do movimento tendente à emancipação proletária, se não se deter nas lutas para as pequeninas e nulas melhoras imediatas e, ao contrário, trabalhar com o fim de conduzir a classe trabalhadora à Revolução Social.

As ideias de nossos companheiros foram acolhidas com entusiásticas demonstrações de simpatia.

Foi uma bela noite de propaganda, que terminou com as rubras estrofes da *Internacional*.

Foi fundada a Liga Operária da Lapa e Água Branca

No Cinema-Teatro da Lapa e com a presença de algumas centenas de trabalhadores, realizou-se na quarta-feira, à noite, uma reunião convocada a fim de ser constituída a Liga Operária daquele popular arrabalde.

O companheiro Edgard Leuenroth, depois de falar sobre a situação desesperadora do proletariado e de patentear a necessidade da luta contra a dominação da burguesia, deu leitura, acompanhada das necessárias explicações, das bases de acordo compiladas pelos reorganizadores da União Geral dos Trabalhadores e

adotadas pelas Ligas da Mooca e do Belenzinho.

Consultados, os assistentes aprovaram-nas, devendo essa aprovação ser ratificada na primeira assembleia da Liga, convocada pela Comissão Organizadora, para a qual foram indicados oito operários.

As listas de adesões distribuídas reuniram um bom número de sócios.

Na primeira dessas notas, se há, por um lado, a reiteração do efeito de democratização da fala em “Alguns camaradas e seus companheiros”, por outro, aparentemente contrastando com o despojado “fazer uso da palavra”, surge desta vez uma ocorrência um pouco menos sóbria: “discursaram”. Essa única ocorrência nas quatro edições de *A Plebe* que aqui examinamos, na qual se afirma que os “camaradas” e “companheiros” fizeram discursos, deve ser relacionada tanto à ampla maioria das formas distintas de que se valem os enunciadores do jornal na referência aos pronunciamentos dos oradores daquelas circunstâncias quanto aos demais elementos linguísticos do texto em que ela se dá. Ainda que os desempenhos oratórios tenham sido ali mencionados inicialmente pelo verbo “discursar”, na sequência imediata o enunciador os precisa com o verbo “falar” e não com outro que concorreria com “discursar” para a produção de um efeito de pronunciamentos solenes: “falando de questões sociais”. Posteriormente, os “discursos” são ainda retomados por palavras que indicam o despojamento dos meios de expressão: “ideias” e “propaganda”. Ao se referir a essas “ideias”, o enunciador se inscreve no mesmo grupo daqueles que falaram (“nossos companheiros”) e qualifica positivamente a recepção e o ambiente de fala: “foram acolhidas com entusiásticas demonstrações de simpatia” e “Foi uma bela noite de propaganda”.

Já na segunda, o que se destaca é a particularidade de uma das falas públicas ocorridas numa reunião realizada à noite, no Cine-teatro da Lapa, no intuito de se criar mais uma Liga Operária. A intervenção fora feita pelo próprio editor de *A Plebe*, Edgard Leuenroth, cujo nome é precedido e determinado pelo sintagma “O companheiro”, que lhe dá a condição de alguém conhecido e de militante da causa operária. Nela, estão compreendidas fala, leitura e explicações. A essas três práticas de dizer correspondem três regimes de escuta: o caráter mais ou menos

espontâneo do gesto de “falar” sobre a situação do proletariado e de patentear a necessidade da luta contra a dominação da burguesia” pressupõe uma escuta predisposta a acolher o que se ouve; a leitura indica a exposição de texto institucional, de formulação precisa, que não dispensa uma escuta particularmente atenta; finalmente, as explicações, sobretudo, porque determinadas por “necessárias”, apontam para uma recepção que não poderia ser tranquila e automática e que tampouco dispensaria a intermediação de uma metalinguagem simplificadora realizada por um orador de mais sólida formação. Este último é um “companheiro”, mas não exatamente um igual aos demais, porque os esclarecimentos que faz do que lê lhe outorgam certa ascendência no plano do conhecimento, distinguindo-o dos demais que compõem o público daquela assembleia.

Na semana seguinte, no dia 30 de junho de 1917, era publicada a última edição daquele mês de *A Plebe*, antes que se iniciasse o próximo, durante o qual ocorreria efetivamente a deflagração da conhecida Greve geral. A seção “Mundo operário” foi subintitulada “Contra a escravidão industrial / Prossegue o movimento grevista”. Ali a segunda nota trata especificamente de uma ocasião marcada pela fala pública dos “companheiros”:

O comício de domingo

Conforme noticiamos em nosso número anterior, foi realizado domingo à noite, no Largo S. José, o comício promovido pela Liga Operária do Belenzinho, a fim de tornar pública a solidariedade do operariado com os trabalhadores do Cotonifício Rodolpho Crespi, forçados a abandonar o trabalho pela ganância do refinado explorador *cavallière*.

Não obstante ser avultada, a concorrência que a ele afluiu, não foi a que era de esperar, dada a sua importância.

Atribuiu-se isso ao fato de pouco antes ter sido realizada uma outra reunião obreira também provocada pelo movimento dos tecelões. É de esperar que isso não torne a suceder, procurando-se sempre preparar devidamente as nossas manifestações públicas para que elas possam ter o êxito necessário.

Entretanto, o *meeting* correu, mesmo assim, bastante animado, subindo à improvisada tribuna cinco companheiros e uma companheira, que, com desassombro, denunciaram o infame proceder do ganancioso argentário em questão e de toda corja burguesa.

A assistência deu fartas demonstrações do seu apoio às palavras dos nossos companheiros, acolhendo com visível simpatia a propaganda das nossas ideias.

Terminando o comício, uma parte dos operários se dirigiu para a sede da Liga Operária do Belenzinho, onde um camarada fez um breve discurso.

Logo após a denúncia da desmesurada ambição do empresário e a notícia da realização do comício, se apresenta o lamento pela afluência menor do que a prevista. A queixa é compreensível e mesmo esperada, uma vez que na edição anterior não somente se havia anunciado a realização daquele evento da Liga Operária do Belenzinho, mas, antes, o jornal havia conclamado os trabalhadores à participação no comício. A despeito da expectativa não confirmada de público, “a concorrência que a ele afluiu” foi “avultada”. Reconhecia-se, então, certa desorganização no movimento operário, dada a simultaneidade de dois eventos, e se recomendava que o fato não se repetisse, sob a pena de enfraquecer as reuniões dos trabalhadores. Em seguida, ocorre a descrição do *meeting*, marcado por um clima “bastante animado”. A condição “improvisada” de sua tribuna pode tanto indicar mais um elemento da embrionária organização operária quanto marcar seu despreendimento de artifícios e aparências. Para esta última interpretação, concorrem as intervenções de “cinco companheiros e uma companheira”, que são apenas identificados desse modo e não com a referência individualizada a seus nomes próprios. Nessa sequência, o que em nossos dias poderia ser lido como a desproporção no espaço de fala concedido aos representantes dos gêneros masculino e feminino, era, então, provavelmente, entendido como prática libertária que não exclui a “companheira”, tal como de certo era a regra na maioria das ocasiões de fala pública.

A categoria das falas e seu aspecto são destacados. Seriam denúncias feitas com franqueza e coragem: “com desassombro, denunciaram o infame proceder ganancioso do argentário e de toda corja burguesa”. A denúncia não é somente descrita como tal, mas é também refeita, à medida que se reitera no próprio texto de *A Plebe*, com manifesta qualificação negativa, a coisa denunciada: um modo de perverso e “ganancioso” de agir de grupos sociais designados por “argentário” e por “corja”. Falas assim despojadas e necessárias não poderiam despertar

outra reação de seu público, segundo o enunciador de *A Plebe*, que não fosse a de grande entusiasmo. Eram necessárias e justas pelo que denunciavam, e despojadas, pelo modo como o faziam: ao invés de discursos, apenas “palavras dos nossos companheiros” e “propaganda das nossas ideias”. Diante delas, “a assistência deu fartas demonstrações do seu apoio” e as acolheu “com visível simpatia”. Não haveria dúvidas quanto ao êxito das falas e a receptividade das escutas. Mais do que meras demonstrações de apoio e do que simples acolhida, as primeiras foram “fartas” e a última, “visível”.

Considerações finais

O sobrevoo por estas quatro primeiras edições de *A Plebe* em busca de retratos da oratória popular produzidos pela imprensa anarquista brasileira não poderia evidentemente ter de nossa parte uma pretensão de exaustividade. Por seu intermédio, nosso objetivo se resumiu a identificar alguns eventuais fenômenos, a examinar certos funcionamentos discursivos dessas representações e a esboçar os primeiros passos para uma via que julgamos bastante promissora para os estudos que articulam os campos da Análise do discurso e da História das ideias linguísticas. Essa via consiste nos desenvolvimentos de futuros trabalhos que se dediquem a investigar as práticas da fala pública popular e da escuta popular da fala pública, bem como os discursos a seu respeito, em consonância com o postulado de que tais discursos constituem direta e indiretamente essas práticas. Pouquíssimas vezes percorrido, o caminho por essa direção nos permitirá mais bem compreender e desconstruir os estigmas constantemente imputados à voz e à escuta do povo.

Apesar de sua brevidade, o exame dos textos desse importante veículo da imprensa operária nos proporcionou a observação do que ali se diz distintamente das práticas burguesas de fala pública e de suas congêneres proletárias e ainda das diversas formas pelas quais se formulam esses dizeres. Das primeiras, vimos a “tagarelice” de Rui Barbosa e a soberba de San Detole. O texto que trata deste último relata a “palestra” entre ele, o “ilustre prelado”, e “alguns camaradas” operários, e descreve minuciosamente o que diz e os modos de dizer do religioso, além de re-

produzir sua fala, sob a forma de discurso direto, ainda que seja para mais bem desqualificá-la. Em contrapartida, não há referência ao que dizem e as maneiras de dizer dos “companheiros”. Noutros textos, especificamente dedicados aos movimentos e organizações operárias, encontramos algumas outras referências às coisas ditas e aos modos de dizer nas falas públicas populares.

Essas relativas discrição e economia com que se fala em *A Plebe* dos desempenhos oratórios proletários e de suas circunstâncias de fala pública não significam que eles tenham sido completamente negligenciados. Vimos que há índices suficientes para que pudéssemos depreender certas propriedades do que disseram os enunciadores do jornal anarquista e de como formularam seus enunciados nas representações discursivas dos “usos da palavra” nas assembleias operárias. Talvez, antes e em conjunto com esse parcial silêncio sobre aquelas falas públicas feitas pelo povo ou por seus porta-vozes e sobre os regimes de escuta que elas ensejavam, resida aí mais uma tentativa de se distinguir da pompa e do protocolo que se identifica na oratória burguesa. Isso, contudo, não impediu que reconhecêssemos, principalmente, nos textos editoriais de mais longo fôlego, certos traços de uma aristocrática retórica tradicional. Se as contradições jamais estão alheias da história, em geral, também não poderiam ser completamente estranhas aos discursos sobre as práticas populares de linguagem. Sua identificação e sua análise podem não ser suficientes, mas são bastante necessárias à luta contra a conservação dos dizeres que continuam a depreciar e a deslegitimar as falas e a escuta da gente empobrecida e dos marginalizados de distintas sortes.

Referências

- Courtine, J-J. & Piovezani, C. (Org.). (2015). *História da fala pública: uma arqueologia dos poderes do discurso*. Petrópolis: Vozes.
- Ferreira, M. N. (1978). *A Imprensa operária no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- Giannotti, V. (2007). *História das lutas dos trabalhadores no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Khoury, Y. (1981). *As greves de 1917 em São Paulo*. São Paulo: Cortez.
- Lopreato, C. R. (2000). *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume/Fapesp.
- Pereira, A. (1990). A imprensa operária no Brasil. *Revista Novos Rumos*, 18/19.

- Piovezani, C. (2016). Instantâneos de duradouros estigmas: as vozes popular e feminina (da Retórica antiga à mídia contemporânea). In *(In)subordinações contemporâneas: consensos e resistências nos discursos* (pp. 73-101). São Carlos: EdUFSCar.
- _____. (2017a). A língua, o corpo e a voz de Lula em discursos da imprensa brasileira. *Língua e Instrumentos Linguísticos*, 39, 85-112.
- _____. (2017b). *Nondum matura est*. A voz feminina: entre uvas meio verdes, desejos imaturos e preconceitos putrefatos. In *Abordagens da voz: a partir da Análise do discurso e da Psicanálise* (pp. 147-164). Campinas: Pontes.
- Rancière, J. (1988). *A noite dos proletários: arquivos do sonho operário*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Sargentini, V. (2001). Vozes anarquistas: gêneses do trabalhismo brasileiro. In M. R. Gregolin. *Filigranas do discurso* (pp. 213-229). São Paulo: Cultura Acadêmica.